

"Graças a mim, temos hoje dois candidatos civis", afirma Maluf

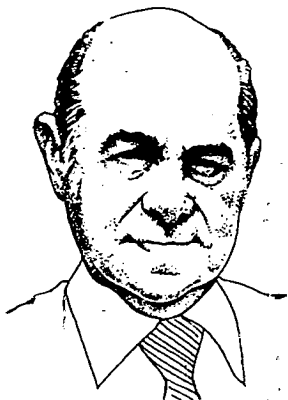
por Márcio Chaer
de Brasília

Profundamente irritado diante dos indícios de apoio ostensivo da ala militar mais dura à sua candidatura, o deputado Paulo Maluf repeliu essa identificação num desabafo: "Estou estritamente dentro do meu papel legal e constitucional. Estou prestando um grande trabalho à Nação, porque nenhum dos senhores (falando aos jornalistas), há dois anos atrás imaginava que teríamos um candidato civil. E hoje, graças a mim, temos dois candidatos civis".

O discurso presidencial feito na noite de quarta-feira, a exemplo da fala de Figueiredo em Cuiabá, na semana passada, foi mais explorado pelo candidato da oposição que pelos próprios malufistas, que evitaram maiores comentários sobre o tímido apoio do presidente.

"O discurso é um ensinamento a toda a Nação" — disse Tancredo Neves, ao analisar a primeira parte do texto, em que o presidente "manifesta suas convicções políticas". Na segunda parte, porém, na interpretação do candidato da Aliança Democrática, "ele mostra o quanto está pesaroso de estar apoiando Paulo Maluf". E continuou: "Ele (Figueiredo) não só declara que lhe coube apoiar o candidato situacionista em razão da vitória que ele obteve numa convenção — muito discutida — mas declara, mesmo abertamente, que ele nunca foi seu candidato e, que hoje o apóia devido a uma contingência a que não pode furtar-se."

Maluf, por seu turno, mais uma vez tergiversou, ao ser questionado pelo pouco entusiasmo do presidente ao defender sua candidatura: "A vitória se dará pelas conversas políticas" — respondeu ele —, "pela unidade partidária e



Tancredo Neves

pela vontade de fazer deste país uma democracia".

Animado pela sobriedade demonstrada pelo presidente, um dos principais personagens da campanha de Tancredo Neves revelou a leitura política que fez da fala presidencial: "A Maluf ele lembra: 'Você não é meu candidato e só o apoio por obrigação' e a nós ele alerta: 'Vocês aí, que já ganharam, não me criem confusões — moderem-se'".

Motes de campanha à parte, porém, nos meios malufistas o bom humor que se exibia no primeiro semestre deste ano foi substituído por um clima de irritação — principalmente contra o governo. Entre os tancredistas, porém, o triunfalismo é contido por uma desconfiada cautela. "Isso tudo está calmo demais, bom demais", constata dirigentes pemedebistas como o presidente Ulysses Guimarães e o secretário geral Affonso Camargo.

Enquanto isso, em sua entrevista coletiva diária, Paulo Maluf esquiva-se da maior parte das questões políticas para falar de seu programa de governo. Ontem, o deputado dedicou mais da metade de seu "briefing", às explanações do investimento que pretende fazer, se eleito, no ensino e na educação.